

A detailed painting of a hand, likely a religious figure, set against a background of ornate, dark blue and gold patterns. The hand is rendered with realistic detail, showing veins and skin texture. The background features intricate, swirling patterns in shades of blue and gold, suggesting a rich, possibly Baroque or Rococo, setting. The overall composition is dark and dramatic, with the hand as the central focus.

A Igreja  
de São  
Cristóvão  
de Lisboa

ESTA CAPELLA HE DA  
IRMANDADE DO SANTI  
SSIMO SACRAMENTO  
DESTA IGREJA E AFIZE  
RAMASVA CVSTA OS IR  
MAOS DELLA ESEACA  
BOV NO ANNO D 1671

A Igreja  
de **São**  
**Cristóvão**  
de Lisboa

**Título** A Igreja de São Cristóvão de Lisboa  
**Edição** Câmara Municipal de Lisboa  
**Coordenação editorial** Paula Teixeira  
**Apoio editorial** Inês Metelo  
**Textos** Fernando M. Peixoto Lopes  
Inês Matoso  
Margarida Almeida Bastos  
Paulo de Campos Pinto  
Sandra Costa Saldanha  
Sílvia Ferreira  
Vitor Serrão  
**Índices** Luísa Reis  
**Revisão científica** Lina Oliveira  
**Revisão** Sara Simões  
**Fotografia** Humberto Mouco  
Francisco Levita  
**Design e paginação** Inês do Carmo  
**Agradecimentos** Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico, Centro de Arqueologia de Lisboa,  
Edgar Clara, José Alberto Seabra, Museu Nacional de Arte Antiga, Paula Cunha  
**Impressão** LabGraf  
**ISBN** 978-989-54675-1-8  
**Depósito legal** 464810/19  
**Local e data** Lisboa, 2019

Esta publicação teve origem no projeto vencedor do Orçamento Participativo de Lisboa «Arte por São Cristóvão»



A Igreja  
de São  
Cristóvão  
de Lisboa





AQUI JAZEM OS SOR DE  
MATHIA DE MIRANDA E DE SUA  
MULHER D'GENEIRA PEREIRA O  
SEFINARAO JAERAD. 1462

AQUI JAZEM OS SOR DE  
FERNANDEZ GONCALVES PEREIRA  
E DA EDE SUA MULHER B. BRAN  
CA SOUZA OVE DE MIRANDA  
ETIA DE. 1466

IN MEMORIAM...  
ANNO DOMINI...  
MCM...

IN MEMORIAM...  
ANNO DOMINI...  
MCM...

IN MEMORIAM...  
ANNO DOMINI...  
MCM...

IN MEMORIAM...  
ANNO DOMINI...  
MCM...

IN MEMORIAM...  
ANNO DOMINI...  
MCM...

IN MEMORIAM...  
ANNO DOMINI...  
MCM...

# O padroado de uma família na Igreja de São Cristóvão

## A Capela dos Miranda, um conjunto único de origem medieval

### Introdução

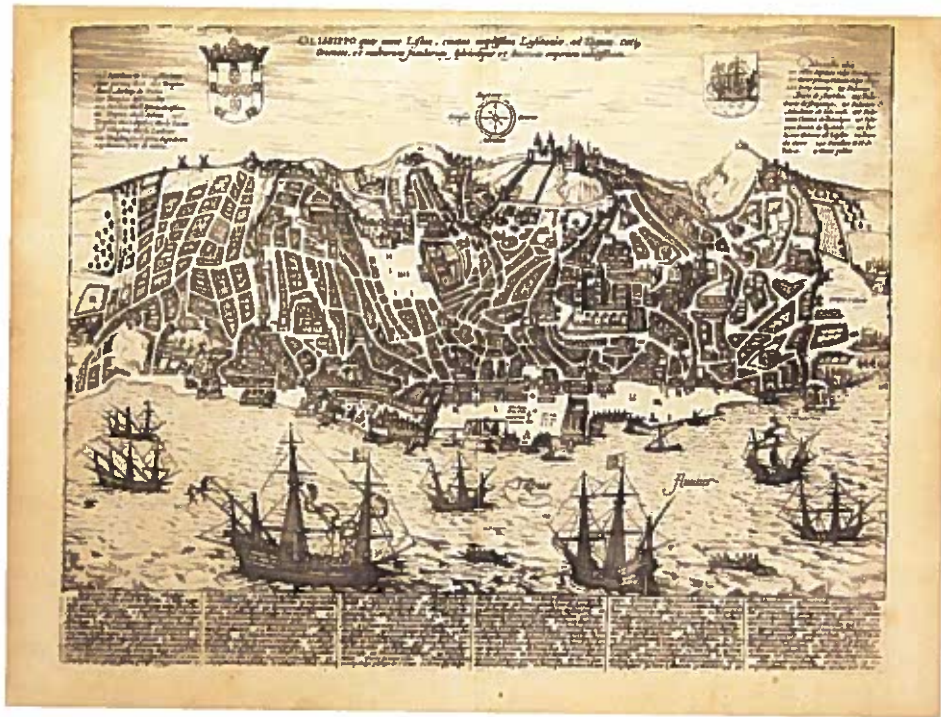
No interior da Igreja de São Cristóvão conserva-se um dos mais relevantes conjuntos de vestígios tumulares medievais da cidade de Lisboa, a Capela dos Miranda ou do Arcebispado. O local onde se encontram é actualmente utilizado como capela funerária e corresponde, na sua origem, ao espaço funerário edificado em época quatrocentista pela família Miranda. É também conhecido por Sacristia Velha, desde as alterações efetuadas no século XVII.

Capela dos Miranda ou do Arcebispado  
Conjunto tumular

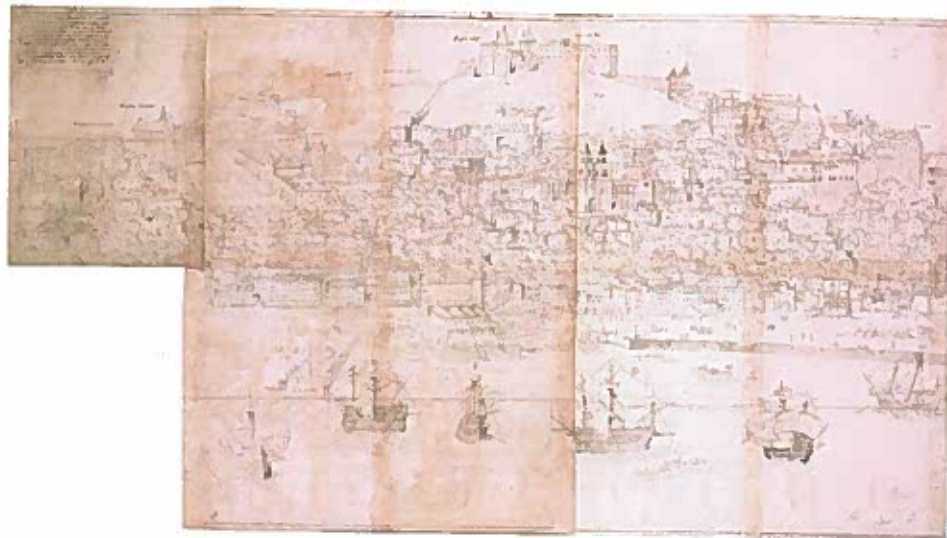
São Cristóvão merece, aliás, menção especial por se tratar de uma das mais antigas igrejas da cidade e também por constituir uma das primeiras paróquias após a conquista cristã de Lisboa. Identificada na documentação, desde os inícios do século XIII, por Igreja de Santa Maria de Alcamim (para assim a distinguir da Sé Catedral, cuja invocação era Santa Maria Maior), a designação sobreviveria até ao século XVI, apesar da invocação a São Cristóvão datar de meados do século XIV (Andrade, 1944; Gonçalves, 1994: 793).

A sua importância nos séculos XIII e XIV advém de possuir colegiada (Andrade, 1944; Gonçalves, 1994: 793), facto relevante por se situar extramuros e fora do aro portuário e artesanal de Lisboa. Norberto de Araújo procura justificar a sua relevância e a da paróquia pela proximidade da Alcáçova Real (Araújo, 1944: 14–15), o que parece ter fundamento considerando que um dos acessos viários para o Castelo atravessava o território da paróquia.

Vista de Lisboa  
George Braunio  
Século XVI



Perspectiva de Lisboa  
[Biblioteca da Universidade de Leiden,  
Holanda]  
Anónimo  
Século XVI





Nos finais do século XIV, e em circunstâncias que se tratarão adiante, o seu padroado passa para a família Miranda que lhe acrescenta uma capela funerária, anexa ao corpo lateral sul. D. João I doou o padroado da Igreja de São Cristóvão a D. Martinho Afonso Pires da Charneca, segundo carta régia de 7 de Dezembro de 1390, que instituiu capela e morgado na dita igreja por testamento feito a 23 de Junho de 1395, sendo administrador João Mendes de Oliveira.<sup>1</sup> A mesma doação foi posteriormente confirmada no reinado de D. Manuel, por carta régia de 25 de Julho de 1497, a D. Violante de Miranda, bisneta do fundador.

Durante todo o século XVI a igreja parece ter mantido a feição arquitectónica exterior herdada do século anterior.<sup>2</sup> É o que se depreende da observação da *Perspectiva* de Leiden (a que se atribui uma datação entre 1520–1530)<sup>3</sup> e da *Vista de Lisboa* de Braunio (datada de finais do século XVI).<sup>4</sup>

Este tipo de representação iconográfica permite, com as suas limitações, apreciar as características exteriores genéricas do edifício: a sua orientação canónica, com a capela-mor colocada a nascente, constituindo um corpo mais discreto que sobressai da restante volumetria (e que hoje mantém); uma só torre sineira localizada no alinhamento da fachada (embora com a discrepância de se apresentar a Norte na representação mais antiga e a Sul na mais recente), com uma cobertura de quatro águas bastante nítida na gravura de Leiden; um janelão circular sobre o portal de fachada; o telhado de duas águas que cobria o corpo do templo. Uma aparente imprecisão do traço na sombra patente na representação mais tardia poderá corresponder à capela funerária dos Miranda. No século XVII, São Cristóvão adquiriu a estética barroca que hoje se aprecia no seu exterior, bem como no interior, a qual embebeu e mascarou a sua primeira estrutura medieval<sup>5</sup>. Tendo sofrido pouco com o

<sup>1</sup> «Don Johan (...) saibam quantos esta carta lye fazemos saber que don Martinho bpo de Coimbra do nosso conselho nos disse que elle fazia e queria fazer hua capella na igreja de Sam Xpovam que he na nossa muy noble leal cidade de Lixboa e eno mesmo queria hordenar hum morgado (...) que o padroado da igreja de Sam Xpovam nuca possa passar a igreja de Coimbra de que elle ora he bpo (...)» (Andrade, 1944: 28).

<sup>2</sup> De acordo com *Os Monumentos Sacros* «há tradição de que em tempo de EL-REI D. Manuel houve um fogo nesta igreja, que totalmente a arruinou: pelo que se reedificara a fundamentis: porem a architectura da que hoje existe não é dessa época» (Pereira 1840: 375).

<sup>3</sup> Lisboa Quinhentista: 82, n.º 16

<sup>4</sup> Lisboa Quinhentista: 89, n.º 29

<sup>5</sup> A profunda remodelação da primeira metade do século XVII conferiu-lhe o seu aspecto actual. Ainda assim, a volumetria medieval e quinhentista foi incorporada na sua nova filosofia estética, que revela um esforço de simetria: dois torresões tomaram o lugar do único anterior e as paredes da fachada são alteadas; a capela-mor ter-se-á mantido no lugar da original mas viria a ser ampliada em meados do século XIX (como atesta a data inscrita no calvário colocado no exterior); a Norte acrescenta-se um corpo, simétrico à primitiva capela funerária dos Miranda. No interior a decoração arquitectónica e as coberturas são de tal forma alteradas que nada evidenciam dos primitivos tempos.

Terramoto de 1755<sup>6</sup>, a igreja, como o conjunto urbanístico de origem claramente organista que a comporta, iria manter as suas características essenciais até ao presente.

### Apontamento sobre a capela

Cordeiro de Sousa tentou interpretar a antiga configuração da «Capela dos Miranda» ou «do Arcebispo» a partir da configuração actual, dada documentação que rastreou e dos elementos de tumulária que ainda se conservam (Sousa, 1982). Sobre o arranjo que hoje observamos dos elementos funerários, parece-nos que a mutilação dos túmulos e o seu empilhamento deverá ter tido lugar depois de 1830, utilizando a expressão de que o arranjo da capela «tresanda a liberalismo» (Sousa, 1982: 71).

A entrada primitiva está hoje perdida. O acesso faz-se por um corredor em curva, rasgado na espessura da parede mestra sul da igreja, encontrando-se forrado a cantaria bem esquadrinhada. Os silhares não apresentam qualquer sigla, permitindo assim rejeitar, com segurança, que se trata do acesso trecentista. De notar que, logo após estes, a parede de alvenaria revestida a cal ostenta uma pedra de armas dos Miranda. Trata-se de um elemento heráldico executado no mesmo tipo de suporte dos restantes e que deverá ter sido reutilizado em época mais tardia. Os elementos estão empilhados com alguma harmonia, enquadrados por um arco cujo fecho ostenta também as armas da família Miranda. Diz-nos Ferreira de Andrade que, sob o pavimento da Sacristia Velha, existe uma pedra tumular armoriada que seria de «D. Brites de Vilhena que faleceu no dia 1 de janeiro de 1618 fora da freg<sup>a</sup>. Em casa de seus netos e que enterrouse nesta igr<sup>a</sup> na capella dos Mirandas.»<sup>7</sup> (Andrade, 1944: 33).

Por intervenção do Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL), em Fevereiro de 2016, foi levantado o pavimento existente e confirmada a existência de uma pedra armoriada embora não corresponda cronologicamente à descrita por Ferreira de Andrade. Trata-se de uma tampa de sepultura, com inscrição em letra gótica. Apresenta escudo português partido à

<sup>6</sup> «( ) o corpo da Igreja resistiu ao terramoto, segundo é tradição: as torres é que abateram, indo os sinos parar à actual Rua dos Fanqueiros (que ainda não existia), sem que ficassem inutilizados. Salvou-se o andor da Igreja por estar debaixo do arco da Porta Principal» (Pereira de Sousa *apud* Andrade, 1944: 18).

<sup>7</sup> Esta poderá ser a campa recentemente encontrada à entrada da Capela dos Miranda, muito desgastada e em que apenas se identificam algumas letras. Esteve durante muitos anos coberta por um tapete e pelo órgão, retirados para os eventos que decorreram durante o ano de 2016.

esquerda no 1.º quartel com as armas dos Sousa (ditos de Arronches) e no 3.º quartel dos Miranda e partido à direita com um pelicano (ao que parece em primeira análise). Este túmulo apresenta marcado desgaste e, em sequência da intervenção do CAL, encontra-se à responsabilidade do mesmo em investigação e estudo por um especialista em epigrafia.

Às obras realizadas em 1659, de adaptação da capela a sacristia a pedido da Irmandade do Santíssimo Sacramento, se deveram muitas alterações. Cite-se, a propósito, Cordeiro de Sousa, quando comenta «Perderam uma venerável capela, e não lograram uma ampla sacristia» (Sousa, 1982: 71). Nesse momento, ter-se-iam aberto os acessos hoje existentes, procedido aos entaipamentos entendidos como necessários e edificado o arco em cujo vão se conservam os elementos que aqui se tratam, talvez executado para albergar uma ou outra arca funerária deslocada. D. António Caetano de Sousa, entre 1735–1748, ainda viu os túmulos sem estarem mutilados e com uma disposição que, não sendo já provavelmente original, não se afastava muito desta: «A última sepultura levantada (e além dos túmulos todo o chão é de campas grandes de homens desta família e apelido) diz assim: Aqui jaz Diagalvres, contador do rei dom afonso e vedor do deu armazém. Passou no mês de Maio, era de 1440 anos. E além dos monumentos atrás, e sepulturas rasas, estão na mesma capela, no alto das paredes, dois sepulcros pequenos com mitras de bispos sobre dois leões, tudo de pedraria e cercados com letreiros que por ficarem altos se não deixam ler bem... Na Igreja de São Cristovão de Lisboa está uma capela com um retábulo do descimento da cruz, que fica a mão direita. Estão em redor das paredes seis sepulturas de pedra grandes sobre leões de pedra em torno, e a primeira junto ao altar tem as armas dos Miranda.» (Sousa, 1982: 83).

No século XIX procedeu-se a uma grande campanha de obras nesta zona da igreja desaparecendo o tecto original. É nesta altura que se deve situar o «arranjo» final da tumulária medieval: ter-se-ão cortado sarcófagos, deixando apenas a heráldica visível, fabricado as caixas-ossários para as sepulturas levantadas, lavrando-se transcrições resumidas dos epitáfios, e finalmente, tudo se acondicionou no exíguo vão do arco de possível origem seiscentista.

A já referida intervenção do CAL, com o levantamento do piso mais recente, permitiu pôr a descoberto a parte dos epitáfios e dos elementos heráldicos que se supunha estarem completos, bem como duas grandes pedras com inscrições medievais da primitiva capela que foram reutilizadas nas sucessivas adaptações dos séculos XVII e XIX.

Tampa de sepultura medieval  
armoriada de um homem da família  
Miranda colocada a descoberto em 2016



## Os Miranda: uma relação biográfica e genealógica, séculos XIV a XVI

### **Afonso Pires da Charneca e Dom Martinho (Martim) Afonso de Miranda, arcebispo de Braga (f. 1416)**

É necessário recuar a meados do século XIV para encontrarmos a raiz comum da família Miranda, matéria sobre a qual existe o acordo dos vários especialistas: Afonso Perez. Este escudeiro castelhano veio para Portugal no reinado de D. Pedro I, «o Cruel» (1350–1369), fugindo da justiça do reino vizinho. Em Portugal, foi-lhe concedida protecção régia no Reguengo da Charneca, termo da cidade de Lisboa, zona onde se domiciliou. Aí conhecido por Afonso Pires da Charneca, pelo aporuguesamento do nome, casou com D. Constança Esteves, de quem teve filhos.

Em 1383, aquando da crise dinástica, é referido por Fernão Lopes como dos primeiros apoiantes do futuro rei D. João I. O seu apoio à causa de Avis foi concretizado ao integrar o grupo de cavaleiros que se colocaram ao serviço do Condestável D. Nuno Álvares Pereira, participando nas suas incursões de 1384 e pertencendo ao seu Conselho.<sup>8</sup>

Afonso Pires da Charneca teve três filhos: D. Martim ou D. Martinho Afonso da Charneca; D. Margarida Afonso, que casou com o Contador-Mor e Vedor do Armazém de D. Afonso V, Diogo Aires (ambos sepultados na capela funerária da Igreja de São Cristóvão) e Afonso Rodrigues, de quem pouco se sabe (Tabela 1).

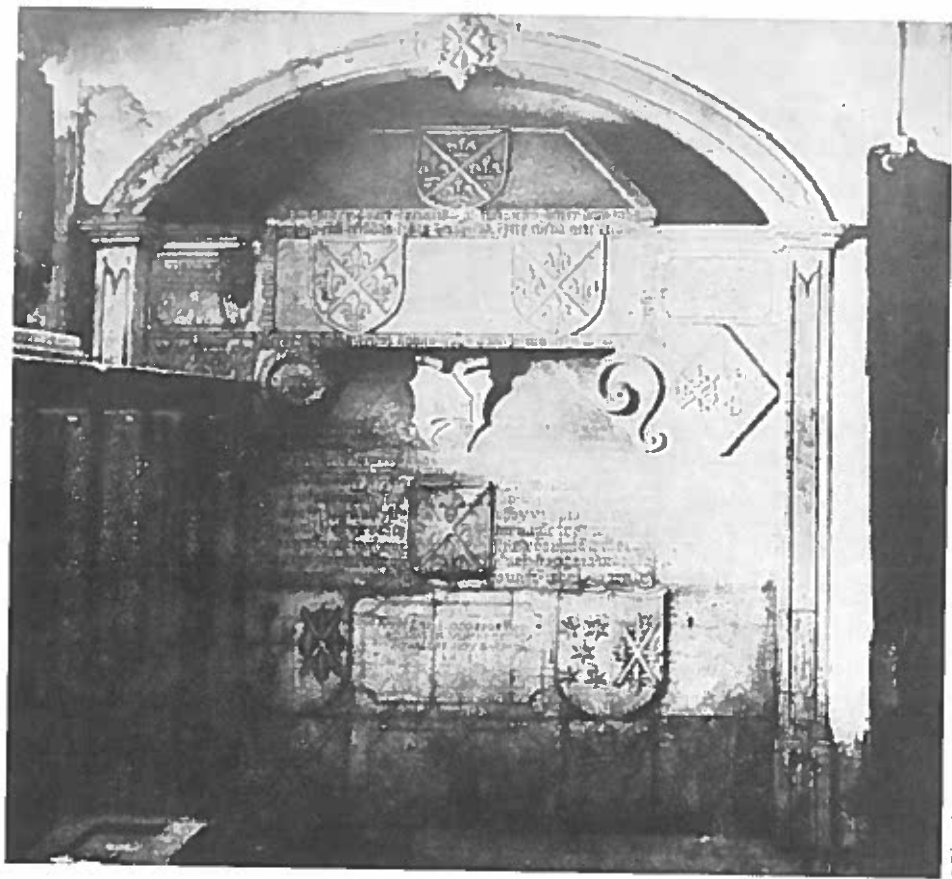
Em 1383, Martim Afonso, legalista, esteve presente no juramento de preito e menagem feito a D. João, como Regedor e Defensor do Reino. Segundo Fernão Lopes, após este acto, o Mestre de Avis reuniu o seu conselho encontrando-se entre os seus membros mais relevantes: o conde D. Gonçalo, D. Fr. Álvaro Gonçalves (Prior do Hospital), D. Lourenço (Arcebispo de Braga), D. João (Bispo de Lisboa), D. Pai de Meira (Bispo de Silves), Diego Lopes (Senhor de Ferreira), o Doutor João das Regras e o Doutor Martim Afonso (*Crónica de EL-Rei D. João*, I parte, cap. CLXI).

---

<sup>8</sup> Um dos *quarenta escudeiros bons* escolhidos por D. Nuno Álvares para o acompanhar (*Crónica d'El Rei D. João*, Parte I, Cap. LXXXVIII), sendo, então, eleito para o Conselho (*idem*, cap. XCII).

**Capela dos Miranda**

Carneiro do Arcebispo D. Martinho Afonso Pires da Charneca e dos seus descendentes em a «A Freguesia de São Cristóvão», Vol. II, Ferreira de Andrade 1944



© Eduardo Portugal

Sobre a vida de Martim Afonso, ou Martim Afonso da Charneca, pairam algumas incertezas, debatidas ao longo dos tempos por genealogistas. Desde logo, a existência ou não de casamento e o número de filhos gerados que, dependendo dos autores, foram cinco<sup>9</sup> ou sete<sup>10</sup>. Os filhos, nascidos da relação com D. Mécia de Miranda, uma francesa de origem nobre que conheceu durante uma missão em França, tomaram o nome da mãe. Esta particularidade, incomum na época, sustenta a tese da inexistência de casamento, tese esta reforçada pelo confronto entre as datas em que D. Martim assumiu cargos eclesiásticos e as poucas informações biográficas conhecidas sobre os seus filhos.

<sup>9</sup> D. Rodrigo da Cunha — citado por Andrade, 1944: 255; Maior, 1949: 32

<sup>10</sup> Sousa, 1982: 77

A sua relevância política e a proximidade com o rei, conferiram-lhe a alcunha de «sombra d'el Rei», transmitida por D. Rodrigo da Cunha (Andrade, 1944: 256), e valeram-lhe o Bispado de Coimbra e depois o Arcebispado de Braga<sup>11</sup>. O favor régio reflectiu-se ainda no crescimento do seu património, tendo-lhe sido doados os bens confiscados a D. Afonso Corrêa, Bispo da Guarda, que se passou para o lado castelhano. A disputa que venceu ao irmão, Afonso Rodrigues, trouxe-lhe também os bens das Alcáçovas e dos Lagares d'el Rei.

D. Martim Afonso pertenceu ao Conselho Régio até à data do seu falecimento, contribuindo para a consolidação do poder de D. João I. Em 1402, por exemplo, celebrou um contrato onde cedeu o Senhorio de Braga em troca de uns foros da Rua Nova em Lisboa e as rendas da Vila de Viana, mantendo para si alguns rendimentos em Braga (Andrade, 1944: 28).

Pelo seu epitáfio sabemos ter sido «Governador d'el Rei D. Duarte», o que significa que foi seu Aio ou Mordomo-Mor (Maior, 1949: 30)<sup>12</sup>.

Em 1390, D. João I doou a D. Martinho o padroado da Igreja de São Cristóvão e autorizou a construção da capela funerária. Nessa altura, o prelado instituiu os seus dois morgados, associando o padroado ao da Patameira, destinado ao seu primogénito, ambos sob a condição do uso do apelido de Miranda.

#### **D. Martim Afonso de Miranda (f. 1470 ou depois)**

Primeiro filho varão de D. Martim Afonso da Charneca, casou com D. Genebra Pereira (falecida, segundo o epitáfio 4, em 1463), de quem teve cinco filhos: Afonso de Miranda, que morreu em vida do pai; Gomes de Miranda; Aires de Miranda; Vasco de Miranda, clérigo; e D. Isabel de Miranda, casada com Vasco Pereira (Moreno, 1980: 888–890) (Tabela 3).

<sup>11</sup> Foi o 61.º Bispo de Coimbra (1386–1398) e o 88.º Arcebispo de Braga (1398–1416).

<sup>12</sup> «No corpo anexo, a sul, existiu a Capela dos Miranda que foi utilizada pela Irmandade do Santíssimo Sacramento desde o 3.º quartel seicentista (...). Outro facial da arca tumular sobrejacente, é o túmulo do avô de D. Fernando (de Miranda), D. Martinho, arcebispo de Braga, que foi conselheiro de D. João I e governador de D. Duarte, como inscreve o epitáfio de cursivo gótico, que revela este avoengo Miranda como militar, antes de se tornar clérigo, e que se finou em 1416» (Gonçalves, 1994: 793-794).

Foi primeiro morgado da Patameira (Torres Vedras), que acumulava com o padroado da Igreja de São Cristóvão, unido ao vínculo principal. Dos seus outros bens, conhece-se apenas mais uma quinta em Alpriate (Vila Franca de Xira), citada num documento emanado pelo Infante D. Henrique, datado de 17 de Outubro de 1431 (*Mon. Henr. IV*, doc. 5). Rico-homem, da Casa d'El Rei, pertenceu ao Conselho de D. Afonso V. Em 1426, residia no Porto, pois aparece citado num documento datado de 4 de Agosto, em que D. Duarte permitia que umas casas vagas na Rua Nova, nessa cidade, fossem aforadas a um seu criado, Álvaro Fernandes, cunhado de Afonso Gonçalves da Maia, escudeiro do Infante D. Henrique e anterior locatário (*Mon. Henr. III*, doc. 69, pág. 130). A 5 de Janeiro de 1427 estava em Ceuta onde foi feito prisioneiro, tendo sido resgatado por D. Duarte de Meneses, filho natural do seu cunhado (D. Pedro de Meneses, 2.º Conde de Viana), que por tal feito foi armado cavaleiro pelo pai, no campo de batalha e à vista do inimigo (Ornellas, 1923: 181).

Na carta de quitação de Álvaro Dias, almoxarife na cidade de Viseu, datada de 10 de Setembro de 1454, D. Martim Afonso de Miranda é citado como tendo recebido em 1437, e em representação do tesoureiro real Fernão Gil, duas quantias de 13 800 e 4 600 reais (*Mon. Henr. XII*, doc. 20, pág. 48).

Em 9 de Outubro de 1446, aparece como primeira testemunha citada no contrato de casamento entre D. Isabel, filha do Infante D. João de Portugal, e D. João II de Castela, celebrado em Évora (*Mon. Henr. IX*, doc. 138, pág. 201). Nesse ano era Alcaide-Mor de Torres Vedras, função que detinha em 1470, quando esta passou, em sua vida, para seu filho Gomes de Miranda. Em 1449, presume-se que tenha combatido em Alfarrobeira do lado do partido régio (Moreno, 1980: 890).

Em 25 de Junho de 1455, na sala grande do Paço Real da Alcáçova, em Lisboa, jurou homenagem e juramento ao Infante D. João apoiado pela nobreza (*Mon. Henr. XII*, doc. 74, pág. 147).

Da casa de D. Martim Afonso de Miranda conhece-se apenas, para além do já referido Álvaro Fernandes, os escudeiros Joham Anes e Álvaro Lopes, citados em 17 de Agosto de 1443, como testemunhas na venda de uma herança que cabia a um seu sobrinho (*Mon. Henr. VIII*, doc. 53, pág. 91–93). Em 1462, recebeu uma moradia de 2 000 reais brancos mensais (Moreno, 1980: 891). Foi sepultado na capela de São Cristóvão.



**Gomes de Miranda (f. 1485 ou depois)**

Cavaleiro fidalgo, segundo filho de Martim Afonso de Miranda, casou com D. Violante de Abreu de quem teve cinco filhos: Martim Afonso de Miranda; D. Leonor de Miranda, casada com o fidalgo castelhano Juan Orellano, residente em Portugal; Diogo de Miranda; Fernão de Miranda e uma segunda filha, casada com Garcia de Sousa Chichorro (Moreno, 1980: 888–890). Herdou o morgado da Patameira e o padroado de São Cristóvão. Foi Pajem-Mor (Tabela 4).

Em 1449, participou na batalha de Alfarrobeira, do lado do partido régio. Desempenhou funções na administração régia, nomeadamente a de Alcaide-Mor de Torres Vedras, entre 1470 e 1477, (Moreno, 1980: 888–889), e de Coudel da Cidade de Lisboa, entre 1473 e 1476, e, num segundo período, de 1482–1485 (Moreno, 1980: 888–889). Participou como elemento do júri que sentenciou o Duque de Bragança em 1482 (Moreno, 1980: 888–889). Cordeiro de Sousa fornece a única informação sobre a sepultura desta personagem, transmitida por D. António Caetano de Sousa e relativa ao epitáfio que se encontrava na capela funerária: «Na parede tem somente este letreiro: Aqui jaz Gomes de Miranda, cavaleiro fidalgo (...)» (Sousa, 1982: 84).

**Martim Afonso de Miranda**

Filho primogénito de Gomes de Miranda, terceiro morgado da Patameira e detentor do padroado de São Cristóvão. Recebeu uma tença de 2 625 reais brancos mensais, em 1484 (Moreno, 1980: 891). Deixou, como descendente, D. Violante de Miranda.

**D. Violante de Miranda**

Filha herdeira de D. Martim Afonso de Miranda, casou com D. Heitor de Oliveira, Morgado de Oliveira. Em 1471, D. Manuel concedeu-lhe o Morgado da Patameira e o padroado de São Cristóvão, que lhe cabia por direito de herança do pai. Pelas obrigações do seu vínculo e do de seu marido, os seus descendentes adoptaram o apelido de Oliveira e Miranda.

**D. Fernão Gonçalves de Miranda (f. 1466 ?)**

Segundo filho varão de D. Martim Afonso da Charneca, casou com D. Branca de Sousa<sup>13</sup> (falecida depois de 1473 — Sousa, 1982: 77). Deste casamento nasceram: Afonso de Miranda; Fernando Gonçalves de Miranda; D. Isabel de Miranda, casada com Pedro Lopes de Azevedo, senhor de Ponte do Sor; D. Filipa, casada com Gabriel de Brito, Alcaide-Mor de Aldeia Galega (Merceana); D. Brites de Miranda, casada com Estevão de Brito, senhor dos morgados de São Lourenço de Lisboa e de Santo Estevão de Beja (Tabela 5).

A sua esposa, descendente por via bastarda de D. Afonso III, era neta de D. Lopo Dias de Sousa, Mestre da Ordem de Cristo.

D. Fernão Gomes de Miranda possuía o segundo morgado, instituído por seu pai, do qual se desconhece o nome. Um seu aio pertencia à Casa do Infante D. Fernando, aparecendo contemplado no primeiro testamento do infante Santo, datado de 18 de Agosto de 1437.<sup>14</sup>

Em 1449, participou na batalha de Alfarrobeira entre as hostes reais (Moreno, 1980: 887–888).

Em 1455, foi citado como testemunha dos capítulos matrimoniais e desposórios celebrados entre D. Henrique IV de Castela e a Infanta D. Joana, nos Paços Reais de Alcáçova, em 22 de Janeiro de 1455 (*Mon. Henr. XII*, doc. 38, pág.92).

Em 25 de Junho do mesmo ano, jurou com seu irmão, na sala grande do Paço Real da Alcáçova, em Lisboa, homenagem e juramento ao Infante D. João (*Mon. Henr. XII*, doc. 74, pág. 147). De sua casa apenas se conhece D. João Vasques, escudeiro, referido em carta de nomeação pelo regente D. Pedro, datada de 1 de Maio de 1441 (*Mon. Henr. VII*, doc. 108, pág. 170).

Foi sepultado com sua mulher na capela funerária instituída por seu pai.

<sup>13</sup> Filha de D. Leonor Lopes de Souza e de Afonso Vasques de Souza. Sua mãe era filha legitimada de D. Frei Lopo Dias de Souza e de Catarina Telles, por carta real de 13 de Junho de 1394, e por isso sobrinha de D. Leonor Telles. Foi dama da Infanta D. Isabel.

<sup>14</sup> « (...) Item ao aydo de Fernam de Miranda cinco mil rreaes » (*Mon. Henr. VI*, doc. 52, pág. 26).

**D. Fernando Gonçalves de Miranda (f. 1505/6 ?)**

Filho de Fernão Gonçalves de Miranda, enveredou nos últimos anos da sua vida pela carreira eclesiástica.

Em 1459, recebeu uma bolsa de estudo régia de 5 000 reais brancos anuais (Moreno, 1980: 888). Cavaleiro, participou na conquista de Arzila, em 1471. Combateu nas guerras com Castela de D. Afonso V e participou na batalha de Toro, tendo sido um dos cinco cavaleiros que, após a derrota, acompanhou pessoalmente o monarca na sua retirada.

Em 1480, foi nomeado para o Conselho de D. Afonso V e para seu Capelão-Mor, cargos que manteria sob D. João II (*Chancelaria de D. Afonso V*, livro 32, fól. 45, citado em Sousa, 1953: 11; também Moreno, 1980: 888, embora com a gralha de *capitão* por *capelão* e *João III* por *João II*). Em 1483, tornou-se também Guarda-Mor da Rainha, D. Leonor (Sousa, 1953: 9). Ascendeu à dignidade episcopal por nomeação régia de D. João II, como Bispo de Viseu, em 1482 ou 1483, como se depreende dos anos de governo da diocese citados no seu epitáfio.

Em 1490, participou nas cortes de Évora e recebeu em Estremoz a princesa D. Isabel, que vinha para o casamento com o infante D. Afonso, tendo participado possivelmente na cerimónia celebrada por D. Jorge da Costa (Sousa, 1982: 79). Em 1499, acompanhou a transladação de D. João II para a Batalha, participando nas cerimónias com os bispos da Guarda, Lamego, Tânger, e os Abades de Alcobaça, Batalha e Santa Cruz de Coimbra (Sousa, 1982: 79).

Foi sepultado na capela funerária instituída por seu avô.

**D. Afonso de Miranda (f. 1476)**

Filho de Fernão Gonçalves de Miranda casou com D. Violante de Sousa, filha de Diogo Gomes da Silva e de D. Isabel de Sousa, de quem teve: Fernão de Miranda, que ficou com a Corte das Quebradas (Azambuja) por carta régia de 1476 (Moreno, 1980: 885); D. Isabel da Silva, casada com Gonçalo Borges, Senhor de Carvalhais; D. Leonor de Miranda, casada com D. João de Sousa, senhor e comendador perpétuo da Vila de Sousa; filhas que se tornaram religiosas e outros filhos que morreram (Moreno, 1980: 885).

Cavaleiro d'El Rei, tornou-se Porteiro-Mor e Anadel-Mor dos besteiros da Câmara de D. Afonso V e Alcaide-Mor de Torres Vedras.

Em 1443, ano do seu casamento, estava de partida para Ceuta, sendo já cavaleiro da Casa d'el Rey. Nessa altura, vende com sua mulher, por contrato celebrado a 14 de Agosto, os direitos sobre a herança dos sogros ao seu cunhado Rui Gomes da Silva<sup>15</sup>. Em 12 de Fevereiro de 1445, encontrava-se em Lisboa, onde passou, com sua mulher, a carta de quitação do pagamento dos 33 000 reais brancos que eram devidos pela referida venda, aparecendo já como Fidalgo da Casa d'el Rey e seu Porteiro-Mor. (*Mon. Henr. VIII*, doc. 226). Em 1449, supõe-se ter participado ao lado do rei no conflito de Alfarrobeira. Em 1450, foi-lhe concedida uma tença anual de 20 000 reais brancos (Moreno, 1980: 885). No mesmo ano deixa as funções de Anadel-Mor dos besteiros da Câmara (Moreno, 1980: 885). Em 1451 acompanhou D. Leonor a Itália para o seu consórcio com o Imperador Frederico III da Alemanha (Moreno, 1980: 885). Posteriormente esteve em Alcácer-Ceguér, onde combateu num assédio movido pelos marroquinos, voltando ao reino no ano de 1459 (Moreno, 1980: 885). Em 1464, o rei doou-lhe a terra e Corte das Quebradas com suas rendas, foros e direitos (Moreno, 1980: 885).

Participou nas guerras com Castela no reinado de D. Afonso V, que lhe confirmou, em 1475, a tença anual de 51 432 reais brancos (Moreno, 1980: 885). Em consequência do seu desempenho o rei doou-lhe em 1476 a jurisdição civil e criminal da vila de Salir, com todas as rendas e direitos (Moreno, 1980: 885).

#### **D. Margarida de Miranda (f. 1420)**

Filha mais velha de D. Martinho Afonso da Charneca, casou com D. Pedro de Meneses (1367–1437), 2.º Conde de Viana, primeiro e terceiro Governador Capitão General de Ceuta (1415–1430 e 1434–1437), do Conselho de D. João I (após a paz com Castela) e de D. Duarte.

<sup>15</sup> Rui Gomes da Silva foi conselheiro do jovem Governador e Capitão General de Ceuta, D. Duarte de Meneses, de apenas 16 anos, nomeado em 1430 pelo pai (Ornellas, 1923: 181. *Mon. Henr. VIII*, doc. 53, pág. 51)

Do seu casamento com D. Pedro teve duas filhas. De sua casa conhece-se apenas a criada D. Isabel Domingues Pessegueira, de quem o marido teve um filho, em 1414, (D. Duarte de Meneses, 3.º Conde de Viana, Conde de Vila Real, segundo Governador Capitão General de Ceuta e primeiro de Alcácer Ceguér), o qual viria a ser educado por D. Álvares Pereira e mais tarde legitimado. Não tendo seguido com D. Pedro para Ceuta, em 1415, viria a falecer cinco anos depois, quando a encomenda do túmulo feita por seu marido já estava executada, e por isso ostentando as suas armas na cabeceira (e possivelmente a sua estátua jacente), partidas de Meneses e Miranda.

Durante o funeral do marido os seus ossos foram mandados transladar por sua filha D. Leonor, em 1437, para o túmulo acima referido na Capela de Santa Rita da Igreja do Convento de Santo Agostinho de Santarém (Ornellas, 1923:177), onde já se encontrava a terceira mulher de D. Pedro de Meneses.

#### **D. Leonor de Meneses**

Filha mais velha de D. Margarida de Miranda e do Conde D. Pedro de Meneses.

Em 1438, estava em Ceuta com o irmão, o Conde D. Duarte, altura em que regressou a Portugal, para Avis, onde se encontrava a Corte, sendo entregue ao cuidado do rei D. Afonso V, que a acolheu (Ornellas: 1923, 181).

Casou, em 1447, com D. Fernando (1430–1483), 3.º Duque de Bragança e Duque de Barcelos, de quem não houve geração.

#### **D. Beatriz de Meneses**

Filha mais nova de D. Margarida de Miranda e do Conde D. Pedro de Meneses. Casou em 1427 com D. Fernando de Noronha, primeiro Conde de Vila Real e 5.º Governador Capitão General de Ceuta (1438), descendente de Henrique II de Castela e de D. Fernando I de Portugal.

**D. Leonor de Miranda (f. antes 1427)**

Filha de D. Martinho Afonso da Charneca, casou com Aires Gomes da Silva (1399–1454), armado cavaleiro em Ceuta pelo Infante D. Pedro (Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Tomada de Ceuta*, cap. XCVI), Senhor das Terras de Unhão, Brunhais, Torre de Vilar, Cepães, Vila Cais, Regilde, Atães, Manhucelos e Vagos.

Aires Gomes da Silva foi uma das principais figuras do xadrez político do século XV, muito ligado ao Infante D. Pedro, cujo partido tomou na Batalha de Alfarrobeira, vindo a ser perdoado por D. Afonso V, em 1451 (Moreno, 1980: 1063–1071).

Desempenhou numerosas funções na administração régia, como a de Regedor de Justiça nas comarcas de Entre-Douro-e-Minho, Regedor da Casa do Cível, tendo sido também Alcaide-Mor de Montemor-o-Velho (Moreno, 1980: 1063–1071).

Do casal houve descendência: D. Leonor da Silva, mais tarde mulher de D. João de Meneses, fidalgo da casa do rei (Moreno, 1980: 1068).

**D. Maria de Miranda**

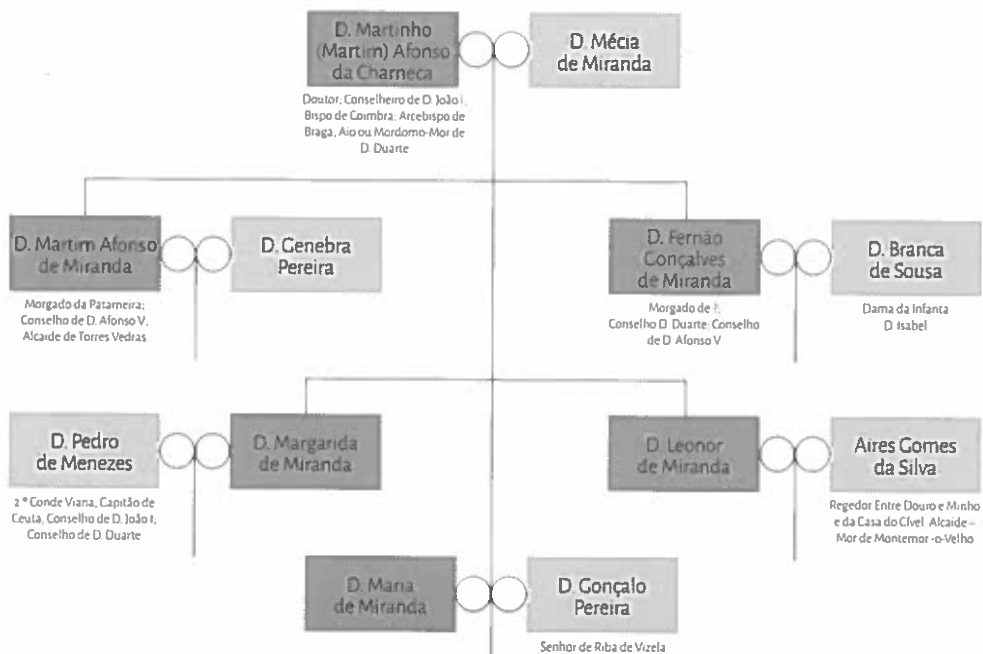
Filha de D. Martinho Afonso da Charneca, casou com D. Gonçalo Pereira, de Riba de Vizela.

O seu marido, durante a primeira crise de regência do reinado de D. Afonso V era partidário da rainha D. Leonor. A 13 de Setembro de 1440, sabendo estar em curso a concórdia entre a rainha e o Infante D. Pedro, o rei dirige uma carta a D. Fernando de Castro, Prior do Crato, a D. Gonçalo entre outros, pedindo recato. Na missiva refere-se a D. Gonçalo como *Al deuoto e amado Nuestro amado Gonçalo Pereira (Mon. Henr. VII, doc. 108, pág. 170)*.

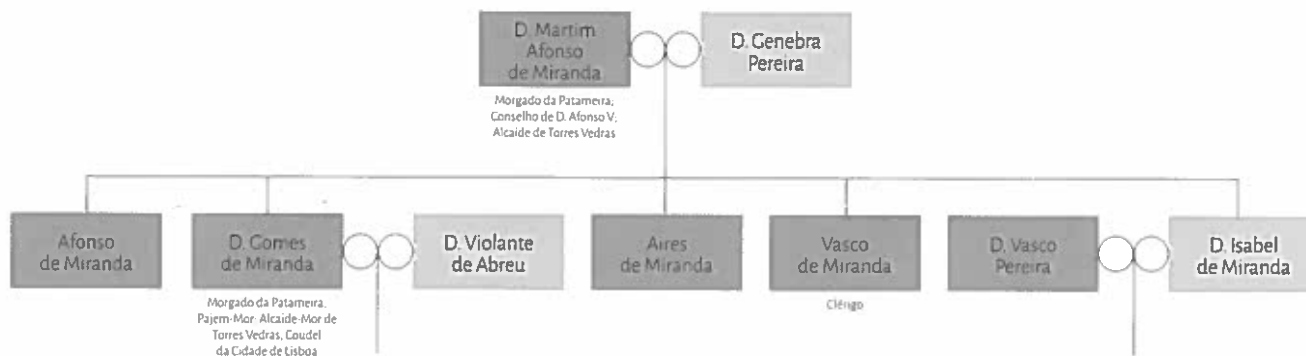
**Tabela 1.**  
 Descendência de Afonso Pires da Charneca e de D. Constança Esteves.  
 D. Martinho (Martim) Afonso da Charneca; D. Margarida Afonso e Afonso Rodrigues



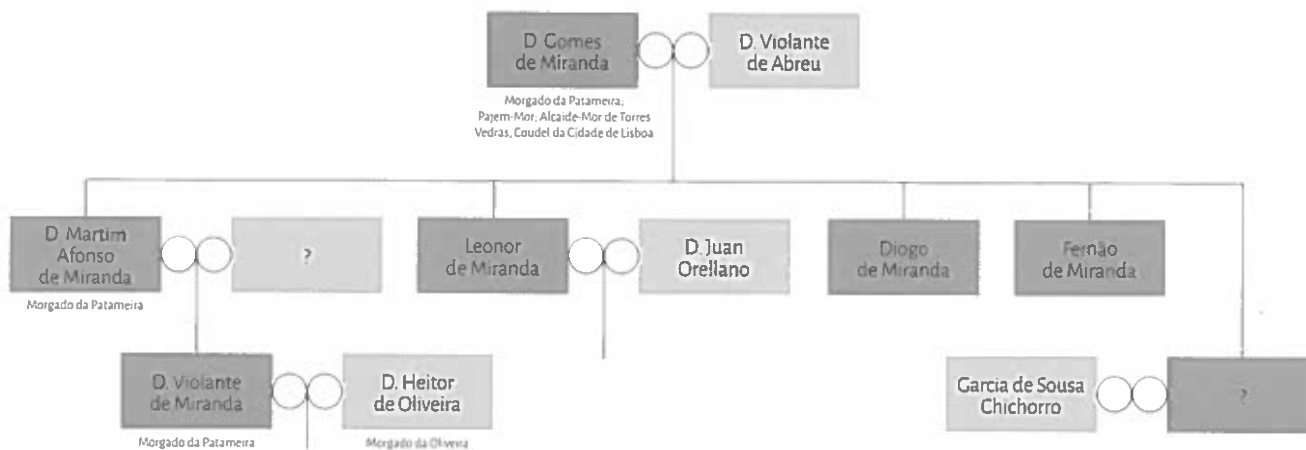
**Tabela 2.**  
 Descendência de D. Martinho (Martim) Afonso da Charneca e de D. Mécia de Miranda.  
 D. Martim Afonso de Miranda; D. Fernão Gonçalves de Miranda; D. Margarida de Miranda; D. Leonor de Miranda e D. Maria de Miranda.



**Tabela 3.**  
 Descendência de D. Martim Afonso de Miranda e de D. Genebra Pereira.  
 Afonso de Miranda; D. Gomes de Miranda; Aires de Miranda; Vasco de Miranda e D. Isabel de Miranda.

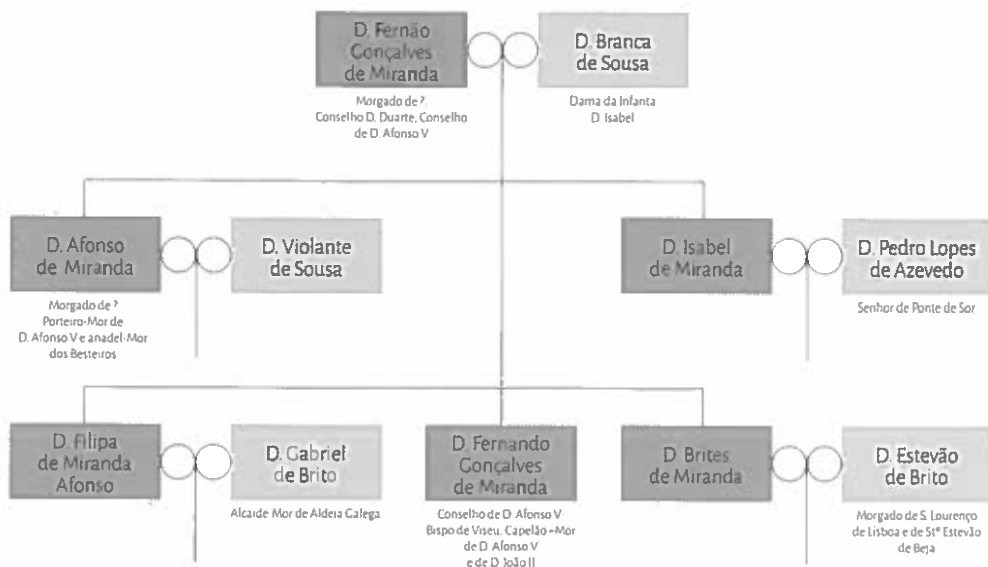


**Tabela 4.**  
 Descendência de D. Gomes de Miranda e D. Violante de Abreu.  
 D. Martim Afonso de Miranda; Leonor de Miranda; Diogo de Miranda, Fernão de Miranda e outra.  
 Descendência de D. Martim Afonso de Miranda.





**Tabela 5.**  
**Descendência de D. Fernão Gonçalves de Miranda e D. Branca de Sousa.**  
 D. Afonso de Miranda; D. Fernando Gonçalves de Miranda; D. Filipa de Miranda; D. Brites de Miranda e D. Isabel de Miranda.



## Conclusão

A origem e percurso político, militar e social da família Miranda, ao longo do século XV, é um dos mais paradigmáticos exemplos da ascensão permitida aos apoiantes da Dinastia de Avis.

Oriunda da baixa nobreza, no caso castelhana, a história da família Miranda está directamente relacionada com alguns dos mais relevantes momentos da História de Portugal dos finais de Trezentos e de todo o Quatrocentos.

O primeiro momento de ascensão verifica-se aquando do apoio imediato dado por Afonso Pires ao Mestre de Avis. O seu primogénito, D. Martim Afonso, tinha uma ligação privilegiada ao futuro rei intervindo de forma diligente durante toda a crise de 1383–1385, quer ao nível dos bastidores políticos quer ao nível bélico, lutando ao lado do Condestável, D. Nuno Alvares Pereira.

Com a posição do partido de Avis consolidada, D. Martim Afonso, clérigo, foi alvo de mercês régias que passaram pela atribuição do bispado de Coimbra e do arcebispado de Braga. Esta última constituiu, aliás, uma hábil manobra política de D. João I, ao colocar no cargo um elemento da sua total confiança e negociando com este a cedência do senhorio e rendas, o que sucedeu em 1402, resultando num reforço do poder régio.

D. Martim consolidou a posição social e política da família ao promover uma eficaz política de casamentos. As suas filhas casaram com membros da primeira linhagem do reino, como D. Pedro de Meneses e D. Gonçalo Pereira ou personagens de inquestionável influência política como Aires Gomes da Silva. Os seus filhos desposaram mulheres de famílias nobres antigas, como os Sousas e os Pereiras, constituindo casas senhoriais próprias.

Posteriormente, durante o longo reinado de D. Afonso V, numa altura em que o prestígio e a influência dos Miranda estavam bem firmados, verificou-se a constante participação de elementos da família em cargos da administração régia. O cunhado do Arcebispo de Braga foi Contador-Mor e Vedor do Armazém; os seus filhos ou outros descendentes pertenceram aos conselhos régios e/ou desempenharam funções como as de Porteiro-Mor, Pajem-Mor, Capelão-Mor; a Alcaldaria de Torres Velhas esteve em mãos dos Miranda por longos anos.

A proximidade da família ao poder real manifestou-se também pela participação dos seus membros em actos como juramentos régios, casamentos reais e até na resolução de conflitos jurídicos sensíveis, como o julgamento do Duque de Bragança já com D. João II.

A sua qualidade de nobres colocou-os, também, como protagonistas nas campanhas de Ceuta e depois, na primeira linha das investidas de D. Afonso V, quer no Norte de África quer nas campanhas de Castela.

A capela funerária em São Cristóvão, edificada por D. Martinho Afonso, Arcebispo de Braga, constitui repositório onde foram sepultados estes elementos proeminentes da sociedade de Quatrocentos. Através dos restos tumulares ainda existentes e das referências do século XVIII, é possível rastrear os sepultamentos de D. Martinho Afonso; de sua irmã D. Margarida Afonso e do marido, Diogo Aires; dos filhos varões de D. Martim Afonso da Charneca, D. Martim Afonso de Miranda e D. Fernão Gonçalves de Miranda, bem como das respectivas mulheres, D. Genebra Pereira e talvez D. Branca de Sousa e de D. Gomes de Miranda e D. Fernando Gonçalves de Miranda, netos.

Na capela estão ainda sepultados outros membros da família mas não é possível descortinar a sua identidade através das pedras de armas que aí se encontram. Da mesma forma, não é possível esclarecer se existe alguma ligação entre os Miranda e o Doutor João Pereira e sua mulher Ana Dias, identificados em epígrafe oitocentista.

Os túmulos propriamente ditos dividem-se em três grandes tipos: arcos tumulares, de que conhecemos duas, a de D. Martinho Afonso e de seu neto D. Fernando Gonçalves de Miranda; sarcófagos lisos, de decoração exclusivamente heráldica, dos quais chegaram até nós 12 fragmentos, seis com armas (exemplares típicos de sarcófagos da «escola de Lisboa» do século XV, os quais seguem os modelos trecentistas de que ainda existem bons exemplos na Sé Catedral, isto é, onde a decoração é apenas a heráldica, ao contrário do discurso iconográfico presente nas «escolas» de Coimbra, Évora, Estremoz e Santarém — Dias, 1986); campas rasas com pedra tumular, como a de D. Gomes de Miranda (a que fez referência D. António Caetano de Sousa — *vide supra*), e a que se encontrou em 2016 sob o pavimento da capela.

A construção funerária e os respectivos túmulos correspondem a uma forte marca ideológica. Numa primeira abordagem, pela edificação propriamente dita, porque à assunção do

padroado da sede de paróquia por D. Martinho Afonso sucedeu a construção da capela familiar. Este acto pode ter sido inspirado, mais em termos ideológicos do que arquitectónicos, pelo exemplo da Capela dos Souza no Mosteiro da Batalha. Doadada também por D. João I, era um jazigo e um local de culto familiar. Deste ponto de vista, o facto da arca do fundador ostentar três armas constitui um exemplo claro da procura de afirmação de identidade da família. Este propósito, perseguido em vida, foi notório na constituição dos dois morgadios que implicavam a obrigatoriedade do uso do apelido Miranda. Um apelido de origem materna, peculiaridade entre as famílias nobres, mas que esta manteve de forma persistente.

O impacto da capela no imaginário da época foi enorme. Para além de se demarcar da ideia vigente de cemitério paroquial, influenciou na arquitectura da igreja, onde a sua autonomização e a exuberância heráldica e tumular — que ainda hoje impressiona, apesar de adulterada e mutilada — hierarquizavam de forma clara o espaço social.

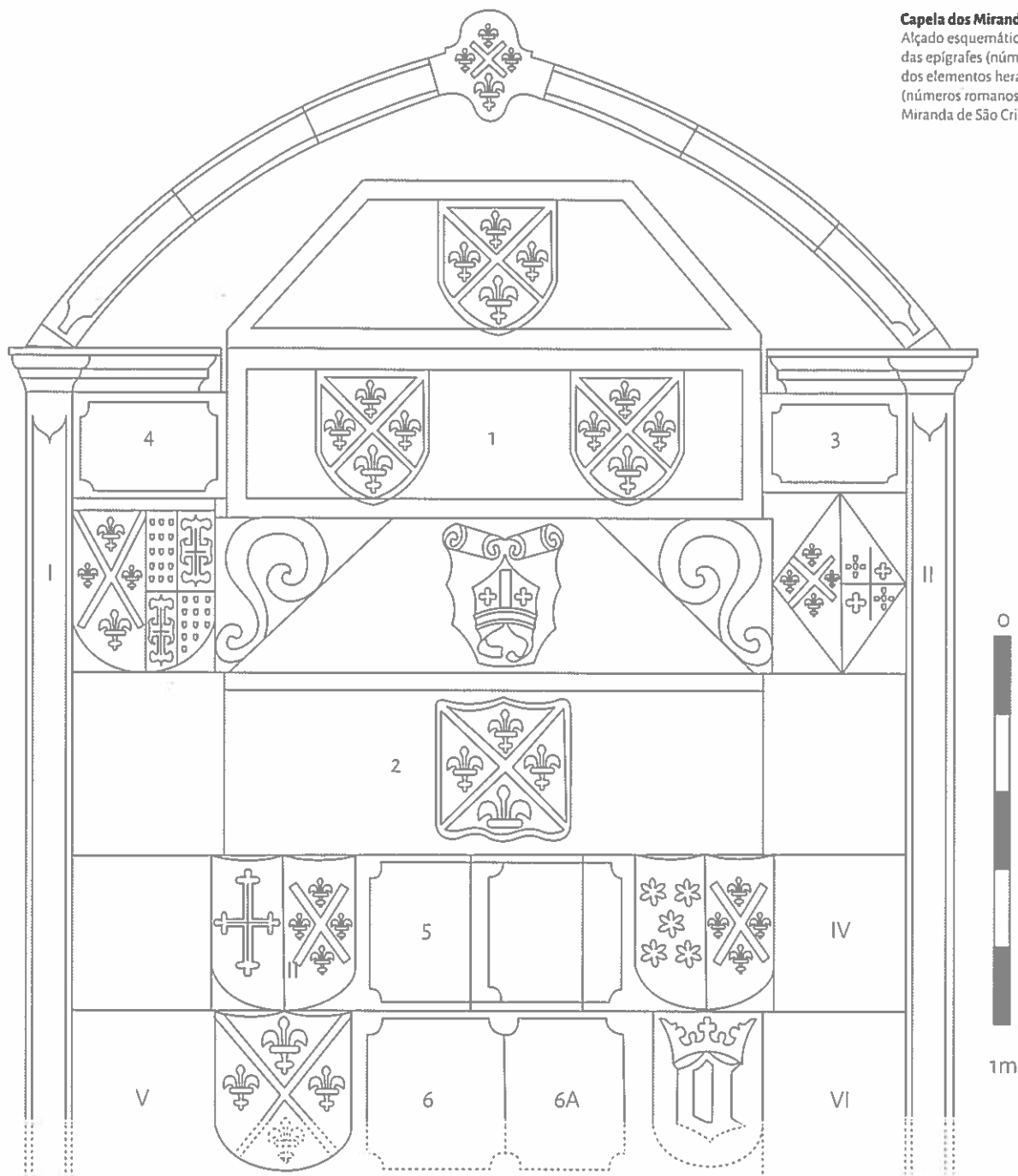
**Inês Matoso**

Historiadora

Câmara Municipal de Lisboa / Gabinete de Estudos Orlisiponenses

**Capela dos Miranda**

Alçado esquemático com indicação das epígrafes (números árabes) e dos elementos heráldicos tumulares (números romanos) da Capela dos Miranda de São Cristóvão (Lisboa).



## Apêndice

### Descrição sumária dos elementos epigrafados tumulares

Para as transcrições, e por não haver correcções ou aditamentos a fazer, remetemos para os trabalhos de Cordeiro de Sousa (*vide* Bibliografia).

#### Túmulo 1

Túmulo em forma de arca, com as armas de D. Martim Afonso: uma central, na tampa, e duas na caixa, simétricas.

Escudo português aspado, acantonado de flores-de-lis.

A inscrição encontra-se na moldura da arca em caracteres góticos gravados, evidenciando ainda a pintura a vermelho, desenvolvendo-se da tampa para a caixa.

Leitura da inscrição:

«Aqui jaz o mui honrado senhor Dom Martinho, Arcebispo que foi de Braga; Governador del rei D. Duarte e Principal conselheiro del rei Dom João.

O qual foi com ele em a grã batalha real e em todas entradas de Castela e pesi (também) com sua gente entrou (duas vezes em galiza) e foi em todolos feitos que o dito senhor ouve des(de) o começo de Sua (...)

Dimensões:

Caixa    Altura: 46 cm × Largura: 1,39 cm

          Altura total das letras: 3 cm

Tampa    Altura: 44,5 cm

          Altura média das letras: 2,5 cm

## **Túmulo 2**

A inscrição, em caracteres góticos gravados, evidencia como o anterior, vestígios da pintura a vermelho. Desenvolve-se parcialmente sobre a tampa e sobre toda a face visível da caixa.

Leitura da inscrição:

«O muito manífico Reverendo Senhor Dom Fernando de Miranda, Bispo de Viseu, que aqui jaz, foi criado e capelão-mór del rei Dom Afonso o quinto, o qual serviu com tanta lealdade que mereceu ser mui aceito dele e foi com ele na tomada de Arzila, e na batalha de Toro, acompanhando-o sempre em todos perigos em que se viu, de maneira que dos cinco que com ele ficaram foi um deles.

E serviu o Senhor no hábito militar muitos anos, seguindo os passos dos que descende.

E por sua virtuosa vida o dito senhor quiz se mudasse no estado clerical, e por seu falecimento ficou e governou virtuosamente e lhe deu ricos ornamentos.

E viveu sempre em tanto recolhimento e honestidade que na opinião de muitos era havido por virgem.

E fez tal vida segundo nossa Fé, agora vive bem-aventurado para sempre.

E se finou na era de ...» (sabe-se que faleceu no final do mês de Abril de 1505 — ver notas biográficas).

Dimensões:

Caixa    Altura: 40,4 cm × Largura: 1,39 cm

          Altura letras minúsculas: 1,4 cm

Tampa    Altura: 45,5 cm

          Altura total das letras: 3 cm

### **Túmulo 3**

Caixa-ossário com moldura rectangular de cantos chanfrados em redondo, na qual está gravada a inscrição.

Leitura da inscrição:

«Aqui jazem os ossos de Fernão Gonçalves de Miranda e de sua mulher Dona Branca de Sousa que se finaram em 1466».

Dimensões:

Campo Epigráfico    Altura: 21,2 cm × Largura: 36,8 cm  
                                  Altura letras minúsculas: 1,4 cm  
                                  N.º de linhas: 5  
                                  Altura letras maiúsculas: 2,4 cm

### **Túmulo 4**

Como o anterior.

Leitura da inscrição:

«Aqui jazem os ossos de Matias de Miranda e de sua mulher Dona Genebra Ferreira que se finaram na era de 1463.»

Comentário: Por defeito de transcrição, passou Matias por Martim (Afonso) de Miranda e Genebra Ferreira por Pereira.

Trata-se de dois personagens perfeitamente identificáveis com o primeiro morgado da Patameira e sua mulher.

Dimensões:

Campo Epigráfico    Altura: 24,7 cm × Largura: 35,2 cm  
                                  Altura letras minúsculas: 1,2 cm  
                                  N.º de linhas: 4  
                                  Altura letras maiúsculas: 2,8 cm



### **Túmulo 5**

Como o anterior. Tem a particularidade de ter gravada uma moldura mais extensa que depois foi corrigida.

Dimensões:

Campo Epigráfico    Altura: 34,4 cm × Largura: 61,7 cm  
                                  Altura letras minúsculas: 2,4 cm  
                                  N.º de Linhas: 4  
                                  Altura letras maiúsculas: 6 cm

### **Túmulo 6 e 6A**

Como os anteriores. Tem a particularidade de as molduras serem geminadas.

Leitura da inscrição 6:

«Aqui jazem os ossos de Margarida de Afonso Mulher que foi de Diagares»

Leitura da inscrição 6A:

«Aqui jazem os ossos de Diagares»

Dimensões 6:

Campo Epigráfico    Altura: 28 cm × Largura: 28 cm  
                                  Altura letras minúsculas: 2,3 cm  
                                  Altura letras maiúsculas: 3,4 cm  
                                  N.º de Linhas: 5

Dimensões 6A:

Campo Epigráfico    Altura: 28 cm × Largura: 28 cm  
                                  Altura letras minúsculas: 2,3 cm  
                                  N.º de linhas: 3  
                                  Altura letras maiúsculas: 3,4 cm

Campo Epigráfico Duplo separado por 1,1 cm.

## Descrição sumária dos elementos tumulares que apenas ostentam a sua heráldica

### Elemento Heráldico I

Escudo português.

Partido: À sinistra com as armas dos Miranda.

À destra esquartelado: no 1.º e 4.º quartel, com cinco quinas em cruz carregadas de cinco besantes em aspa, com bordadura de castelos, armas reais ou de Portugal; no 2.º e 3.º quartel, com cruz flor de lizada, armas dos Pereira.

A forma como estão partidas as armas mostra corresponder a uma mulher casada com membro da família Miranda. Pelos elementos genealógicos, deverá corresponder a D. Genebra Pereira, mulher de D. Martim Afonso de Miranda, primeiro morgado da Patameira.

### Elemento Heráldico II

Lisonja.

Partido: À sinistra com as armas dos Miranda.

À destra esquartelado: no 1.º e 4.º quartel, com cinco quinas em cruz carregadas de cinco besantes em aspa; no 2.º e 3.º quartel, com quadrifólio.

Corresponde às armas dos Sousa de Arronches.

O facto de se tratar de uma lisonja e a forma como estão partidas as armas mostra corresponder à mulher de um Miranda: tanto poderá identificar-se com D. Branca de Sousa, casada com D. Afonso de Gonçalves Miranda referida no túmulo 3, como a D. Violante de Sousa, casada com D. Afonso de Miranda. Ambas as biografias são compatíveis com a cronologia e a tipologia do escudo.

### Elemento Heráldico III

Escudo Manuelino utilizado entre os reinados de D. João II e D. João III.

Partido: À sinistra com cruz flor de lizada, correspondendo às armas dos Pereira.

À destra com as armas dos Miranda.

A forma como está partido indica tratar-se de uma mulher da família Miranda casada com alguém da família Pereira: tanto poderá corresponder a D. Maria de Miranda, irmã de Fernão Gonçalves de Miranda acima referido, que era casada com D. Gonçalo Pereira de Riba de Vizela; como a Ana Dias, referida na inscrição cinco, e casada com o Doutor João Pereira.

#### **Elemento Heráldico IV**

Escudo Manuelino.

Partido: À sinistra com cinco estrelas de seis raios, armas dos Melo, Freitas, Tavares, Coutinhos ou Macedos.

À destra com as armas dos Miranda.

Escudo provável de uma mulher Miranda.

#### **Elemento Heráldico V**

Escudo Manuelino.

Armas dos Miranda.

A cronologia do escudo e a dimensão do túmulo, apontam para que pertençam a um elemento masculino da família.

#### **Elemento Heráldico VI**

Escudo português.

Apresenta um monograma coroado.

Ferreira de Andrade interpretou-o como um *d* gótico minúsculo. Falta-lhe porém a haste. A coroa não corresponde aos cânones heráldicos. Contudo, apresenta semelhanças óbvias com as coroas reais que ostentam as moedas de D. Fernando a D. João III, bem como com elementos de decoração arquitectónica da mesma época: a coroa das armas da fachada do Hospital Real de Todos os Santos e a das armas do portal do Mosteiro dos Jerónimos. Justamente neste período coroavam monogramas reais com letra gótica minúscula: JHNS (Johanes) ou Y para D. João I; Y (Yoanes) para D. João II,...

Se corresponder a uma coroa real não deverá tratar-se de um túmulo mas de um elemento de decoração arquitectónica.

Se se tratar de uma coroa de duque ou marquês, então poderá associar-se aos túmulos da capela e tratar-se de uma representação heráldica constante num túmulo feminino, na medida em que nenhum varão Miranda chegou a obter título nobiliárquico.

### **Elemento Heráldico VII**

Pedra tumular. Ao centro tem escudo português.

Partido: À sinistra no 1.º quartel com as armas dos Sousa de Arronches e no 3.º com as armas dos Miranda.

À destra tem, o que parece ser, um pelicano.

Encontra-se em estudo por especialistas do CAL que o colocaram a descoberto na intervenção efectuada em Fevereiro de 2016, no piso da Capela dos Miranda.

Dimensões:

Altura: 247 cm × Largura: 133 cm.

AQVAL CAP<sup>A</sup>LHES ØRAÕ  
OS R<sup>DOS</sup> POR E BEN<sup>DOS</sup> DES  
TA IG<sup>IA</sup> COM AS CLAVSV<sup>S</sup>  
LAS E CONDIÇOES DA  
ESCRIT<sup>RA</sup> F<sup>TA</sup> NAS NOT<sup>S</sup>  
TAS DO T<sup>AM</sup> AVRELIODE  
MIRANDA EM OS 13 DE  
SET<sup>BRO</sup> DE 1672 ANNOS

## Bibliografia

### A Igreja de São Cristóvão e área envolvente

ANDRADE, Ferreira de. 1944. Relação das casas Foreiras, em 1539, à Igreja de São Cristóvão. *Olisipo – Boletim do Grupo Amigos de Lisboa* 26: 87-97.

ANDRADE, Ferreira de. 1944a. Relação das casas Foreiras, em 1539, à Igreja de São Cristóvão. *Olisipo – Boletim do Grupo Amigos de Lisboa* 27: 159-179.

ANDRADE, Ferreira de. 1944b. Relação das casas Foreiras, em 1539, à Igreja de São Cristóvão. *Olisipo – Boletim do Grupo Amigos de Lisboa* 28: 231-244.

ANDRADE, Ferreira de. 1944-45. *A Freguesia de São Cristóvão. Subsídios para a história das suas ruas, palácios e igreja paroquial*. 2 vols. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

ARAÚJO, Norberto de. 1955. *Inventário de Lisboa*. Fasc. 10. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

ARAÚJO, Norberto de. 1992. *Peregrinações em Lisboa*. Livro III. Coleção Conhecer Lisboa. Lisboa: Vega.

AHPL – Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa. Fundo Arquivístico da Irmandade do Santíssimo Sacramento de São Cristóvão.

BRITO, J. J. Gomes de. 1935. *Ruas de Lisboa. Notas para a história das vias públicas lisboenses*. 3 vols. Lisboa: Livraria Sá da Costa.

FERNANDES, Paulo Almeida. 2002. O sítio da sé de Lisboa antes da Reconquista. *Artis, IHA-Faculdade de Letras de Lisboa* 1: 57-87.

FERNANDES, Paulo Almeida. 2003. A marginalidade do lado cristão: o breve exemplo dos moçárabes de Lisboa. *Os reinos ibéricos na Idade Média — Homenagem ao Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno*. Vol. III: 1231-1237. Porto: Livraria Civilização Editora.

FERREIRA, Sílvia. 2009. *A Talha Barroca de Lisboa (1670-*

*1720). Os artistas e as obras*. Tese de Doutoramento em História (especialidade, Arte, Património e Restauro) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

GONÇALVES, António M. 1973. Igreja de São Cristóvão. *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. 1.º tomo: 90-93. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa.

GONÇALVES, António M. 1994. São Cristóvão (Igreja de). *Dicionário da História de Lisboa* 793-794. Lisboa: Carlos Quintas & Associados.

GONÇALVES, Iria. 1980. Aspectos económico-sociais da Lisboa do século XV estudados a partir da propriedade régia. *Revista da FCSH* 1: 153-204.

MATA, Joel Silva Ferreira. 2012. As rendas/foros do rei D. Pedro I (1357-1367) na cidade de Lisboa: ementas e contratos registados na chancelaria. *Lusíada Economia & Empresa* 14: 87-115.

MATOS, José Luís de. 1999. *Lisboa islâmica*. Coleção Lazúli, 5. Lisboa: Instituto Camões.

MATOSO, Inês. 2001. Um apontamento de Tumulária Medieval – O Conjunto da Igreja de São Cristóvão em Lisboa. *Arqueologia e História* 53: 75-90.

OLIVEIRA Cristóvão Rodrigues de. 1554 ou 55 (?). (1939). *Sumário: em que brevemente se contém algumas cousas (assim eclesiasticas como seculares) que há na cidade de Lisboa*. Lisboa: Casa do Livro.

OLIVEIRA, Frei Nicolau de. 1620 (1991). *Livro das Grandezas de Lisboa*. Coleção Conhecer Lisboa. Lisboa: Vega.

PEREIRA, Luiz Gonzaga. 1927. *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional.

PICOITO, Pedro. 2008. A Trasladação de S. Vicente: Consenso e Conflito na Lisboa do século XII. *Medievalista online*, <http://www2.fcsh.unl.pt/lem/medievalista/MEDIEVALISTA4/medievalista-picoito.htm> (consultado em 25-5-2015)

PINTO, Paulo de Campos. 2015. *Iconografia eucarística da*

*Reforma Católica na pintura das igrejas da diocese de Lisboa: séculos XVII e XVIII.* Tese de doutoramento apresentada à Universidade Católica Portuguesa.

PORTUGAL, Fernando, MATOS, Alfredo de. 1974. *Lisboa em 1758: Memórias Paraquiais de Lisboa.* Câmara Municipal de Lisboa.

PRADALIÉ, Gérard. 1975. *Lisboa da reconquista ao fim do século XIII.* Lisboa: Palas.

REAL, Manuel Luís. 1995. Inovação e resistência: dados recentes sobre a antiguidade cristã no ocidente peninsular. IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica = IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispànica (Lisboa, 1992). *Monografies de la Secció Històrico-Arqueològica*, 4: 17-68. Barcelona: Universitat de Barcelona. Institut d'Arqueologia i Prehistòria.

REAL, Manuel Luís. 2014. Reflexões sobre o moçarabismo no Charb Al-Andalus: o caso português. O *Sudoeste Peninsular entre Roma e o Islão = Southwestern Iberian Peninsula Between Rome and Islam*. 244-401. Campo Arqueológico de Mértola.

REAL, Manuel Luís. 2015. Os moçarabes entre a convivência e a intolerância: resistências, apostasias, dissimulações e ambiguidades. *Cristãos contra muçulmanos na Idade Média peninsular = Cristianos contra musulmanes en la Edad Media peninsular*. Lisboa: Edições Colibri. 39-91.

SERRÃO, Vítor. 1998. O Programa Artístico da Igreja de São Cristóvão de Lisboa. O retábulo quinhentista e a campanha de obras protobarrocas (1666-1685). Lisboa, separata do *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, IV: 92. pp. 51-82.

SILVA, A. Vieira da. 1919. A População de Lisboa: Estudo Histórico. Sep. da *Revista de Obras Publicas e Minas*. Lisboa: Tipografia do Comércio.

SILVA, Carlos Guardado da. 2008. *Lisboa Medieval: a organização e a estruturação do espaço urbano*. Lisboa: Colibri (2.ª ed. 2010).

SILVA, Eugénio Sobreiro de Figueiredo da. 1947. A Igreja Paroquial de São Cristóvão. *Olisipo – Boletim do Grupo Amigos de Lisboa* 38: 33-40.

SOUSA, Francisco Luís Pereira de. 1928. *O Terramoto do 1.º de Novembro de 1755 em Portugal e Um Estudo Demográfico*. Vol. III. Lisboa: Serviços Geológicos.

SOUSA, J. M. Cordeiro de. 1951. A inscrição tumular do bispo D. Fernando de Miranda. *Olisipo – Boletim do Grupo Amigos de Lisboa* 53: 4-11.

SOUSA, J. M. Cordeiro de. 1982. *Colectânea Olisiponense*. 2ªed. Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

VARGAS, José Manuel. 2002. As Freguesias de Lisboa e do seu termo na Idade Média. *Olisipo – Boletim do Grupo Amigos de Lisboa* 17: 47-66.

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. 2015. *Igreja Matriz de São Cristóvão / Igreja de São Cristóvão e São Lourenço*. Direcção-Geral do Património Cultural, [http://www.monumentos.pt/site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6462](http://www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6462) (consultado em 25-05-2015).

## O programa eucarístico de pintura da Igreja de São Cristóvão, em Lisboa

### Fontes Manuscritas

Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa, Arquivo da Igreja Paroquial de São Cristóvão (AHPL, AIPSC)

AHPL, AIPSC, *Irmandade do Santíssimo Sacramento*, «Livro 5 de Receita e Despesa de 1696-1726».

AHPL, AIPSC, *Irmandade do Santíssimo Sacramento*, «Livro do Inventário: 1766, 1848».

### Fontes Impressas

*Academias dos Singulares de Lisboa dedicadas a Apolo* (1.ª parte), Lisboa, oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1665.

*Academia dos Singulares de Lisboa dividida em dezoito concursos em que se inclui um Certamen academico*, Tomo II, Lisboa, Impressão de Antonio Craesbeeck de Mello, 1668.

BARTOLI, Daniello. 1660. Le ombre usate con arte della pittura, cioè i mali di colpa bene ordinati dalla Provvidenza. *La ricreazione del savio: discorso con la natura e com Dio*, Liv. II, cap. 4, <http://www.intratext.com/IXT/ITA1839/> [consulta em Fevereiro de 2016].

PONA, Francesco. 1645. *Cardiomorphoseos Sive Ex Corde Desumpta Emblemata Sacra*. Verona: [s.n.].

## Estudos

BELTING, Hans. 2011. *A verdadeira imagem: entre a fé e a suspeita das imagens: cenários históricos*, Artur Mourão (trad.). Porto: Edição Dafne Editora.

BLANCHARD, Jean-Vincent. 2005. *L'Optique du discours au XVII<sup>e</sup> siècle. De la rhétorique des jésuites au style de la raison moderne* (Descartes, Pascal). Canada: Presses de l'Université Laval.

BUCCI-GLUCKSMANN, Christine. 1986. *La folie du voir: de l'esthétique baroque*. Paris: Galilée.

COLONI, Marie-Jeanne. 2007. *Imagens do mistério eucarístico*. Maurice Brouard (coord.). *Eucharistia: enciclopédia da Eucaristia*, cap. XVIII. S. Paulo: Paulus, pp. 501-520.

DENZINGER, Heinrich; Schönmetzer, Adolf (ed. lit.) (s.d.) *Enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*, 37.<sup>a</sup> ed., <http://catho.org/9.php?d=go> [consulta em janeiro de 2016].

FLOR, Susana Varela, FLOR, Pedro. 2015. *Pintores de Lisboa. Séculos XVII-XVIII. A Irmandade de S. Lucas*. Lisboa: Scribe.

GONÇALVES, António Manuel. 1973. *Igreja de São Cristóvão*. SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo (dir.) *Monumentos e edifícios notáveis do distrito de Lisboa*, vol. V, t. 1.<sup>o</sup>. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa.

GONÇALVES, Flávio. 1973. *Breve ensaio sobre a pintura religiosa em Portugal*. Lisboa: [s.n.] (Imp. Oficinas Gráficas da C.N.E.).

HATHERLY, Ana. 1989. Galas e galardões num certame poético académico da época joanina. *Claro Escuro*, n.º 2 e 3. Lisboa: Quimera, pp. 89-97.

IGREJA CATÓLICA; ALVES, Herculano (coord.); HENRIQUES, Américo [et al.] (versão dos textos originais). 2001. *Bíblia Sagrada: para o terceiro milénio da encarnação*, 3.<sup>a</sup> ed. rev.. Lisboa, Fátima: Difusora Bíblica.

MÂLE, Émile. 1972. *l'art religieux de la fin du XVI<sup>e</sup> siècle, du XVII<sup>e</sup> siècle et du XVIII<sup>e</sup> siècle: étude sur l'iconographie après le Concile de Trente: Italie-France-Espagne-Flandres*. Paris: Librairie Armand Colin.

MATHIAS, Elze Vonk. 1980. *Academias Literárias Portuguesas dos Séculos XVII e XVIII*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MENOZZI, Daniele. 1997. *La Chiesa e le immagine. Salvatore Baviera, Jadankra Bentini (coord.), Mistero e immagine. L'Eucharistia nell'arte dal XVI al XVIII secolo*. Bologna: Electa, pp. 28-40.

PALMA-FERREIRA, João. 1982. *Academias literárias dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

PINTO, Paulo de Campos. 2015. *Iconografia eucarística da Reforma Católica na pintura das igrejas da diocese de Lisboa: séculos XVII e XVIII*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade Católica Portuguesa.

SERRÃO, Vítor. 1998. *O Programa Artístico da Igreja de São Cristóvão de Lisboa. O retábulo quincentista e a campanha de obras protobarrocas (1666-1685)*. Lisboa, separata do *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, IV: 92, pp. 51-82.

SERRÃO, Vítor. 1998. *Tendências da pintura portuguesa da segunda metade do Século XVII*. Luís Moura Sobral (coord.). *Bento Coelho e a cultura do seu tempo, 1620-1708* [catálogo da exposição]. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, pp. 41-65.

SERRÃO, Vítor. 2012. *Impactos do concílio de Trento na arte portuguesa entre o maneirismo e o barroco (1563-1750)*. José Pedro Paiva (coord.). *O concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: olhares novos: actas do Seminário no Âmbito das Comemorações dos 450 anos sobre a Clausura do Concílio de Trento, 1563-2013*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, pp. 103-126.

SERTILLANGES, A.; BOULANGER, B.. 1929. *Les plus belles pages de Saint Thomas d'Aquin*. Paris: Flammarion.

SOBRAL, Luís de Moura. 1994. *Pintura e Poesia na Época Barroca*. Lisboa: Estampa.

SOBRAL, Luís de Moura. 1998. (coord.). *Bento Coelho e a cultura do seu tempo, 1620-1708* [catálogo da exposição]. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.

SILVA, Augusto Vieira da. 1927. Prefácio. PEREIRA, Luís Gonzaga. *Monumentos sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa

VITTA, Maurizio. 2003. *El sistema de las imagines: estética de las representaciones cotidianas*, Manuel Martí Viudes (trad.). Barcelona: Paidós.



## A talha da Igreja de São Cristóvão

### Fontes Manuscritas

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Livro 7 de Mercês de D. Pedro II*, fls. 189-257.

Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa, Arquivo da Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Socorro, *Irmandade do Santíssimo Sacramento*, Livro da Receita e despeza do dinheiro da Irmandade do Santíssimo Sacramento sita na freguesia de Nossa Senhora do Socorro o qual começa em o primeiro de Setembro de 1670 sendo juís o Doutor Antonio de Freitas. n.º 1804.

AHPL, Arquivo da Igreja Paroquial de São Cristóvão (AIPSC), *Irmandade do Santíssimo Sacramento*, «Livro original dos títulos da Real Irmandade do S.S. da Freguesia de S. Christovão desta Cidade».

AHPL, AIPSC, *Irmandade do Santíssimo Sacramento*, «Livro de Receita e Despesa de 1696-1726».

AHPL, AIPSC, *Irmandade de Nossa Senhora da Conceição*, «Avulsos».

### Fontes Impressas

*Academias dos Singulares de Lisboa dedicadas a Apolo* (1.ª parte), Lisboa, oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1665.

*Academia dos Singulares de Lisboa dividida em dezoito concursos em que se inclui um Certamen academico*, Tomo II, Lisboa, Impressão de Antonio Craesbeeck de Mello, 1668.

### Estudos

ARAÚJO, Norberto de. 1938-39. *Peregrinações em Lisboa*, Vol. 2. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.

CARVALHO, Ayres de. 1960-62. *D. João V e a Arte do seu Tempo*, Vol. II. Lisboa: Edição do Autor.

CASTRO, João Bautista de. 1736. *Mappa de Portugal antigo e moderno*, Tomo III (parte V). Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

D'ALMEIDA E ARAÚJO. 1856. «Chronicas Monasticas». *O Panorama* 13, III 5.

FERREIRA, Sílvia. 2008. «Manuel João da Fonseca (act. 1668-1703): mestre entalhador da Lisboa seiscentista». Teresa Leonor M. VALE (ed.). *Lisboa Barroca e o Barroco de Lisboa, actas do colóquio de História da Arte*. Lisboa: Livros Horizonte.

FERREIRA, Sílvia. 2009. *A Talha Barroca de Lisboa (1670-1720) Os artistas e as obras*. Tese de Doutoramento em História (especialidade, Arte, Património e Restauro) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

FERREIRA, Sílvia. 2018. «Memórias de ausências, testemunhos de persistência: a talha barroca das igrejas de Nossa Senhora do Socorro, de Santo Estêvão e de São Miguel, em Lisboa». *Cadernos do Arquivo Municipal*, série II, número 9.

FLOR, Susana Varela, FLOR, Pedro. 2015. *Pintores de Lisboa Séculos XVII-XVIII. A Irmandade de S. Lucas*. Lisboa: Scribe.

MATHIAS, Elze Vonk. 1980. *Academias Literárias Portuguesas dos Séculos XVII e XVIII*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MATHIAS, Elze Vonk. 1995. *Guia Ilustrativo das Academias Literárias Portuguesas dos Séculos XVII e XVIII. Os académicos (fichas)*. Texto policopiado.

MIGUEL, Pedro Lopes Madureira Silva. 2012. *Descobrir a Dimensão Palaciana de Lisboa na primeira metade do século XVIII. Titulares, a corte, vivências e sociabilidades*. Dissertação de mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

SOUSA, António Caetano de. 1755. *Memorias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal*, Lisboa: Regia Officina SYLVIANA, e Academia Real.

SERRÃO, Vítor. 1996-97. O Conceito de Totalidade nos Espaços do Barroco Nacional: A obra da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres em Beja (1672-1698). *Lusofonia*, 21-22.

SERRÃO, Vítor. 1998. O Programa Artístico da Igreja de São Cristóvão de Lisboa. O retábulo quinhentista e a campanha de obras protobarrocas (1666-1685). Lisboa, separata do *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, IV: 92.

SERRÃO, Vítor. 2003. *História da Arte em Portugal. O Barroco*. Lisboa: Editorial Presença.

SOBRAL, Luís de Moura. 1994. *Pintura e Poesia na Época Barroca*. Lisboa: Editorial Estampa.

## Obras de imaginária na Igreja de São Cristóvão

### Fontes manuscritas

#### Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, Lisboa

##### *Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais – Arrolamentos*

Arrolamento dos bens culturais da freguesia de São Cristóvão. Proc. 008. Liv. 55, fl. 188-193v, 1912-1913.

##### *Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais – Administração*

Pedido de cedência de móveis pela Junta de Paróquia de São Cristóvão e São Lourenço. Proc. 181, 1913.

Sobre a não realização do arrolamento do presbitério da freguesia de São Cristóvão e São Lourenço. Proc. 7202. Liv. 11, fl. 242, Proc. 6735, Liv. 11, fl. 148, 1920-1921.

Entrega de bens à corporação encarregada do culto na freguesia de São Cristóvão. Cx. 271, Proc. 14858, Liv. 14, fl. 474, 1930-1941.

#### Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa

##### *Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de São Cristóvão*

Inventário da prata, e mais fabrica, que se acha na Igr.<sup>a</sup>, e sanchristia de S. Christovao, 1739

Inventário da prata, e mais fabrica, que se acha na Igreja e sanchristia de São Christovao, 1752

Inventário da Real Irmandade do Santíssimo Sacramento de São Christovão, 1848

Inventário da Real Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguezia de S. Christovão, 1855

Inventário dos objectos, valores e pertences da Real Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguezia de São Christovão de Lisboa, 1910

Livro Original dos Titulos dos Varios Papeis que andavam soltos que se aqui ajuntarão e encadernarão neste volume, 1687-1688.

L.º da Receita e Despesa, 1696-1726.

L.º da Receita e Despesa, 1726-1753.

L.º da Receita e Despesa, 1777-1778.

##### *Irmandade de Nossa Senhora da Conceição e Santa Catarina da Igreja de São Cristóvão*

Livro de Despesa que tem início a 1 de Janeiro de 1750.

Documentos Avulsos, Maços.

#### Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa

Relação dos objectos entrados no Museu, em virtude da Lei da Separação da Igreja e do Estado. AJF, Cx. 4, P. 13, Doc. 1, p. 7.

#### Arquivo Paroquial de São Cristóvão, Lisboa

##### *Correspondência*

Cón. João de Castro e Padre Artur de Albuquerque Sobral, 1962.

Padre Artur de Albuquerque Sobral e a Comissão Diocesana de Arte Sacra do Patriarcado de Lisboa, 1982.

Orlando Martins Capitão e Padre José Augusto Faria, OFM, 1981.

### Fontes impressas

*Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento, sita na parochial igreja de S. Christovão, feito novamente no anno de 1761, e approvado pelo Emmimentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarcha no de 1763, 1764.* Lisboa: Na Officina de Francisco Borges de Sousa.

BLUTEAU, Raphael. 1728. *Vocabulario Portuguez & Latino.* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus. Vol. II.

COSTA, António Carvalho. 1712. *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal.* Lisboa: Oficina Real Deslandesiana

MENDONÇA, Joaquim Salter de. 1759. *Memórias Paroquiais.* Publ. por MATOS, Alfredo, PORTUGAL, Fernando, *Lisboa em 1758. Memórias Paroquiais de Lisboa.* Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1974.

MENDONÇA, Joaquim Salter de. 1776. *Carta de sentença de execução das letras apostolicas emanadas do Santissimo Padre Benedicto XIV sobre a reedificação, construcção, e ornato das igrejas seculares desta cidade de Lisboa.* Lisboa: Regia Off. Typ.

OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de. 1554. *Sumario e[m] que brevemente se contem algumas cousas assi ecclesiasticas como seculares que ha na cidade de Lisboa*. Lisboa: Casa de Gerão Galharde.

### Estudos

*O culto de Santo Antonio na região de Lisboa*. 1981. Catálogo da exposição. Lisboa: Câmara Municipal – Direcção dos Serviços Centrais e Culturais.

ANDRADE, Ferreira de. 1944-45. *A Freguesia de São Cristóvão: Subsídios para a história das suas ruas, palácios e igreja paroquial*. 2 vols. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

ARAÚJO, Norberto de. 1955. Igreja de São Cristóvão. *Inventário de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal. Fasc. 10, p. 39-42.

ARAÚJO, Norberto de. 1997. *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Vega. Vol. 3. 1ª ed. 1938.

AZEVEDO, Ruy. 1937. Período de Formação Territorial. In *História da Expansão Portuguesa no Mundo*. Lisboa: Ática. Vol. I, p. 7-64.

FARIA, Miguel. 2008. *Machado de Castro (1731-1822)*. Lisboa: Livros Horizonte.

FERREIRA, Sílvia. 2009. *A Talha Barroca de Lisboa (1670-1720). Os artistas e as obras*. Tese de Doutoramento em História (especialidade, Arte, Património e Restauro) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

GONÇALVES, António Manuel. 1973. Igreja de São Cristóvão. In *Monumentos e edifícios notáveis do distrito de Lisboa*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa. Vol. 5, Tomo 1, p. 90-93.

PAMPLONA, Fernando de. 1988. Francisco Xavier. In *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*. Vol. II, p. 342. 2ª ed.

PEREIRA, Célia Nunes. 2010. *A Arte na Igreja do Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755): contributos para o seu estudo criptohistórico* [texto policopiado] Lisboa [s n.]. Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols.

PEREIRA, Luiz Gonzaga. 1927. *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa.

PINTO, Paulo de Campos. 2015. *Iconografia eucarística da Reforma Católica na pintura das igrejas da diocese de Lisboa séculos XVII e XVIII*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade Católica Portuguesa.

REI, António (2005) — Ocupação humana no alfoz de Lisboa durante o período islâmico (714-1147). In *A nova Lisboa medieval*. Lisboa: Colibri, 2005. p. 25-42.

RÉAU, Louis (1997) — *Iconografia del Arte Cristinano. iconografia de los santos*. Barcelona: Ediciones del Serbal. 1ª ed. 1957.

SALDANHA, Sandra Costa. 2011. Santa Maria, Mãe dos Homens. Difusão do culto pela imagem: arte e iconografia. *Invenire: Revista de Bens Culturais da Igreja*. Lisboa: SNBCI. N.º 3 (Jul.-Dez. 2011) p. 11-15.

SALDANHA, Sandra Costa. 2012. *Alessandro Giusti (1715-1799) e a Aula de Escultura de Mafra* [texto policopiado]. Coimbra: [s n.]. Tese de Doutoramento em Letras—especialidade História da Arte, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

SERRÃO, Vítor. 1998. O Programa Artístico da Igreja de São Cristóvão de Lisboa. O retábulo quinhentista e a campanha de obras protobarrocas (1666-1685). Lisboa. separata do *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, IV, 92, p. 12-13.

SERRÃO, Vítor. 2001. Os Silva Paz, uma família de pintores sem obra. In *A Cripto-História de Arte. análise de obras de arte inexistentes*. Lisboa: Livros Horizonte. p. 123-124.

SILVA, Eugénio Sobreiro de Figueiredo e. 1947. *A igreja paroquial de São Cristóvão de Lisboa*. Separata de *Olissipo*. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa. A. X, N.º 38, Abril 1947.

VALE, Teresa Leonor M. 2008. *Um Português em Roma, Um Italiano em Lisboa. Os Escultores Setecentistas José de Almeida e João António Bellini*. Lisboa: Livros Horizonte.

## O padroado de uma família na Igreja de São Cristóvão

ANDRADE, Ferreira de. 1945. *A Freguesia de São Cristóvão: Subsídios para a história das suas ruas, palácios e igreja paroquial*. 2 vols. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

DIAS, João Alves et al. 2005. Chancelarias Portuguesas: D. João I. Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. Volume II: tomo 1, 1385-1392.

- DIAS, João Alves et al. 2005. Chancelarias Portuguesas: D. João I. Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. Volume II: tomo 2, 1387-1402.
- GARCIA, José Manuel. 2014. «A representação dos conventos de Lisboa cerca de 1567 na primeira planta da cidade». Estudos de Lisboa. Instituto de História de Arte. N.º 11: 35-36.
- GÓIS, Damião de. 2002. Elogio da Cidade de Lisboa. Clássicos in Folio. Guimarães Editores. Viseu.
- GONÇALVES, António Manuel. 1994. «São Cristóvão (Igreja de)». Dicionário da História de Lisboa. Lisboa: 793-794.
- Livro 2 da Estremadura. [15-]-1505-11-01. Arquivo Nacional Torre do Tombo. Lisboa: col. 2.º, fls 63. e 63-v.
- MAIOR, M. R. 1949. «A Casa dos Miranda na Rua das Flores». Revista Municipal. Lisboa. 40: p. 29-32.
- MARQUES, A. H. O. 1987. «Portugal na crise dos séculos XIV e XV». Nova História de Portugal. Editorial Presença. Lisboa: Volume 4.
- MATÔS, S. [19-]. Igrejas e Mosteiros de Lisboa. Coleção Arte e Turismo. Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa: p. 16-17.
- MATOSO, Inês. 2001. «Um apontamento de Tumulária Medieval — O conjunto da Igreja de São Cristóvão em Lisboa». Arqueologia e História. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. Volume 53: 75-90.
- MIRANDA, Mendes de Oliveira e de Miranda. 1584. «Tombo da capela e morgado que instituiu D. Margarida de Afonso, irmã de Dom Martinho de Miranda, arcebispo de Braga, na igreja de São Cristóvão desta cidade de Lisboa». Arquivo Nacional Torre do Tombo. PT/TT/MMA/Lo1.
- MOITA, Irisalva. 2009. «Vista panorâmica de Lisboa existente na Biblioteca da Universidade de Leyde». Boletim Cultural. Assembleia Distrital de Lisboa. IV Série. Número 25: 27-57.
- Monumenta Henricina. 1960-1970. Comissão Executiva para as Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique. Coimbra.
- MOREIRA, A. J. 1847. Ramallete. 1.
- MORENO, H. B. 1980. Batalha de Alfarrobeira. 2.ª edição. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Patriarcado de Lisboa. 1980. Inventário Artístico. Comissão de Arte Sacra. Lisboa. 1-3.
- PEREIRA, L. G. 1927. Monumentos Sacros de Lisboa. Biblioteca Nacional. Lisboa: p. 325-377.
- PORTELA, Miguel. «A implantação regional dos Sosas na Estremadura». A Capela dos Sousa no Mosteiro da Batalha. Município da Batalha. 2012: p. 65-80.
- SILVA, A. V. 1968. Dispersos. Biblioteca de Estudos Olisiponenses. Lisboa: 1.
- SILVA, E. S. F. 1947. A Igreja Paroquial de São Cristóvão, Sep. Olisipo. Lisboa.
- SOUSA, J. M. C. 1940. Incrições Portuguesas de Lisboa (séculos XII a XIX). Academia Portuguesa de História. Lisboa.
- SOUSA, J. M. C. 1951. A inscrição Tumular do Bispo D. Fernando de Miranda. Olisipo. Lisboa. Volume 53: p. 4-11.
- SOUSA, J. M. C. 1982. Ainda «a capela dos Miranda» na igreja de São Cristóvão. Colectânea Olisiponense. 2.ª edição. Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa. Volume 2: p. 83-84.
- SOUSA, F. L. P. 1929. O Terramoto do 1.º de Novembro de 1755 em Portugal. Lisboa. Volume 3: p. 672.
- TAVORA, D. L. L. 1989. Dicionário das Famílias Portuguesas. Quetzal Editores. Lisboa: p. 275.

# A Igreja de São Cristóvão de Lisboa

A Igreja de São Cristóvão é um dos mais interessantes edifícios religiosos da cidade, testemunho praticamente incólume de uma Lisboa que sobreviveu ao Terramoto. Situada em pleno pulmão do bairro da Mouraria, constitui um marco muito relevante da arte portuguesa da fase pedrina, com a sua rica campanha de decorações de pintura, talha, imaginária, mobiliário litúrgico, *entarsia* e outras artes, remanescências de um singular programa integral datável da época áurea de D. Pedro II, o final do século XVII e o início do XVIII. O templo assume-se (...) com a marca austera da sua arquitectura de «estilo chão» e a pujança do seu recheio pluri-artístico, um notável espaço da *arte total do Barroco português*, esse gosto que caracteriza de maneira *sui generis* a cultura artística nacional e que surpreende o visitante pela força inaudita do seu acervo.

Vítor Serrão

